

# Vitae inaugura escola itinerante na BA

Crianças terão aulas em casa e na escola em períodos alternados no Recôncavo Baiano

LINA DE ALBUQUERQUE

SALVADOR — O requisito básico para um aluno matricular-se na Escola Rural Wolf Weinberg, inaugurada oficialmente na sexta-feira em Mata de São João, município do Recôncavo Baiano a 65 quilômetros de Salvador, é pertencer a uma família cuja renda seja equivalente ou inferior a um salário mínimo. Criada para atender a crianças carentes de seis a dez anos da zona rural, a nova escola surgiu na esteira de experiências educacionais recentes promovidas pela Fundação José Carvalho.

Desta vez a Vitae, sociedade civil sem fins lucrativos, mantida pela Fundação Lampadia, decidiu repartir com a Fundação José de Carvalho os custos do projeto — uma cifra do vulto de US\$ 3 milhões. O objetivo da escola, segundo o seu primeiro idealizador, o empresário José Corgosinho de Carvalho Filho, presidente da Ferro Ligas da Bahia S/A (Ferbasa), é promover uma educação não-alienante, atenta às necessidades específicas dos moradores da zona rural. Mas sem paternalismo.

## MÉRITOS

Na opinião do empresário José Mindlin, presidente da Metal Leve e membro do conselho consultivo da Vitae, um



Alunos da Wolf Weinberg: renda familiar inferior a um salário mínimo

dos maiores méritos da escola é a sua natureza auto-sustentável. Ou seja, espera-se que no futuro ela consiga manter as suas despesas com a produção de leite e ordenha de gado. Concebida para atender a 1.020 alunos entre a primeira e a quarta séries, a Wolf vem sendo testada desde maio, com alunos recrutados entre as famílias mais pobres da região rural. Como acontece na Escola Tina Carvalho, montada há quatro anos no município de Entre Rios, também no

Nordeste baiano, o ano letivo da Wolf é dividido em dois períodos — de um e dois meses intercalados, em que as crianças permanecem na escola e em casa, respectivamente.

A Wolf Weinberg foi estruturada dessa forma em razão das grandes distâncias que os alunos são obrigados a percorrer e da sua ajuda indispensável à família, principalmente em épocas de plantio e colheita. Quando a criança retorna a casa, o acompanhamento fica a cargo dos profes-

sores itinerantes (veja ao lado). Por enquanto as duas escolas dispõem de apenas seis professores para esse serviço, o que talvez limite um pouco o avanço do projeto.

## "EDUCAÇÃO NATURAL"

Segundo Marilena Ferreira, coordenadora pedagógica da Fundação José Carvalho, o método da escola tem por fundamento a "educação natural", isto é, não adota cartilhas fixas, a exemplo da metodologia construtivista da edu-

cadora Emília Ferreiro. No entanto, a escola conserva traços de rigidez do modelo tradicional. Em regime de internato, as crianças só podem, por exemplo, desfrutar do parque, no pátio externo, aos domingos. Somente nesse dia da semana, a visita da família é permitida. Há filas para tudo, até para escovar os dentes.

Uma grande preocupação, segundo a diretora da Wolf, Rosanete Fernandes, é não atrair para a escola todas as crianças da família de uma única vez. "A mão-de-obra dos filhos é essencial para a renda familiar", diz ela. A "professora de tudo" (substituta na escola e na zona rural) Cristiane Almeida lembrou que o choque cultural é intenso nos primeiros meses de convívio na escola. Muitos chegam a achar que estão num hospital. "Alguns alunos nem sabem usar o banheiro e ficam de cócoras em cima da privada", observou. Além de introduzir em casa técnicas de horticultura, afirma o professor Luís de Deus, as crianças ensinam aos pais novos hábitos de higiene, como escovar os dentes.

O nome da nova escola, ainda difícil de ser pronunciado pela maioria das crianças, é uma homenagem ao marido de Regina Weinberg, diretora-executiva da Vitae e da Fundação Lampadia, morto em 1985. À inauguração compareceram o professor Antônio Cândido, José Israel Vargas, vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências, e Paul Hirsch, diretor geral da Lampadia, a mantenedora da Vitae.

## Professor vai ao sertão atender aluno

SALVADOR — A professora Maria Cristina de Oliveira, de 22 anos, tem à sua frente um casal de vendedores de carvão, Josefina e José Bispo, e uma escadinha de 11 filhos, de dez meses a 14 anos. Eles vivem numa minúscula casa e pau-a-pique, perdida na zona rural do Riachão, distrito de Ipojuca, a 15 quilômetros da Escola Wolf Weinberg. A sua missão é acompanhar ali o rendimento escolar de Cleide, Clemildo e José, três das crianças matriculadas no novo estabelecimento.

Os três alunos de 8, 9 e 10 anos passarão dois meses com a família para depois retornar à escola. Embora tanto a professora como o técnico agrícola não possam visitá-los mais de três vezes ao longo deste período, as crianças são orientadas a cumprir as lições de casa diariamente. Um desses deveres, alias, acaba de render a primeira horta no terreno da família. Durante o mês que permaneceram na Wolf, as crianças aprenderam técnicas básicas de horticultura, como fabricar adubo e a respeitar as regras de rotação de cultura da terra. "Agora vamos economizar algum dinheiro na feira", comemora Josefina.

A professora itinerante fará mais nove visitas até o final do dia. Na hora do almoço, ela apanha sua marmita e senta-se com o motorista da Fundação José Carvalho e o técnico agrícola para comer à sombra de uma árvore. Para chegar ao próximo destino, em Bela Vista, percorrerão ainda cinco quilômetros a cavalo. Em outros trechos, nem cavalo resolve — e o jeito é ir a pé. Como os outros professores da fundação, Maria Cristina tem um rendimento três vezes superior ao dos professores das escolas municipais. Ganha três salários mínimos. Ela começa trabalhar às oito horas, mas só por volta das 17 horas está de volta à "rua" — palavra que os moradores da região empregam para referir-se à cidade.